

# Tancredo aceita troca de juros da dívida por investimento no Brasil

**Brasília** — O candidato Tancredo Neves disse que é favorável à transformação de parte dos juros da dívida externa em investimentos fixos no Brasil, desde que o país escolha a área em que seriam feitas estas aplicações. “Caso contrário, haveria o perigo de desnacionalização de setores estratégicos da economia, com perigo de instabilidade”, disse.

Em seu pronunciamento na Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, Tancredo prometeu subsidiar os produtos agrícolas de exportação, “como fazem outros países”, mesmo sabendo que os Estados Unidos protestarão contra essa medida.

## Dívida, armas e EUA

Tancredo falou sobre a dívida externa brasileira e o relacionamento do Brasil com outros países, salientando que “o pagamento dos juros significa uma grande dificuldade. É uma grande controvérsia, pois a consciência nacional não permite pagar os juros com o sacrifício total da nação e à custa de mais recessão e mais desemprego”.

Grande parte do pronunciamento de Tancredo Neves foi dedicada às relações do Brasil com os Estados Unidos, assunto que pela primeira vez ele tratou especificamente. “Existem algumas pendências, que, em certos casos, assumem maior amplitude, como no caso da informática”, assinalou o ex-Governador mineiro, acrescentando que na área de cooperação industrial-militar com os Estados Unidos “qualquer projeto específico deverá ser analisado caso a caso”.

Ele previu o surgimento de dificuldades com os Estados Unidos, na área militar, pois o Brasil já se tornou um produtor internacional de relativa importância e os objetivos de exportação entre os dois países “são divergentes”.

No caso de exportação de serviços e tecnologia, na área de construção civil, o candidato assinalou que os Estados Unidos vêm se empenhando, junto ao GATT, para obter uma legislação que favoreça as suas empresas, que já sentem a concorrência do Brasil também nesse setor.

Dos 12 bilhões de dólares de saldo da balança comercial que o Brasil deverá alcançar, este ano, a metade derivará de compras feitas por importadores norte-americanos. Isso deve ser preservado, segundo ele, pois representa “mais emprego, mais salários”.

No tocante à dívida externa, o candidato da Aliança Democrática ressaltou que os governos passados foram “açodados e precipitados” quando optaram por um nível tão elevado de endividamento. Mas, no seu entendimento, os credores “estão dispostos a oferecer prazos mais longos, entre 14 e 16 anos, com carência de quatro a cinco anos. O Brasil deverá obter condições semelhantes às concedidas pelos bancos ao México e Venezuela”.